



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

CINCO MAL-ENTENDIDOS SOBRE A TEOLOGIA PRÁTICA¹

Five misunderstandings about practical theology

Bonnie J. Miller-McLemore²

Resumo: Tomando emprestado um formato usado pelo sociólogo Bent Flyvbjerg em um ensaio sobre estudos de caso, este artigo examina cinco mal-entendidos comuns na história e no desenvolvimento da pesquisa na teologia prática: (1) a teologia prática é uma disciplina marginalizada com uma grave crise de identidade; (2) o problema com a teologia prática e a educação teológica é o paradigma clerical; (3) teologia prática e teologia pastoral são termos intercambiáveis; (4) é impossível definir a teologia prática ou, inversamente, ela pode ser definida de maneira simples (p. ex., estudo do relacionamento entre crenças e práticas); e (5) a teologia prática é, em grande parte, se não inteiramente, descritiva, empírica, interpretativa e não é normativa, teológica e, em alguns casos (eu ousaria dizer), cristã. Descrevo cada mal-entendido, ofereço corretivos e concluo que três décadas de progresso na área e desdobramentos complementares em outras áreas da academia reafirmam antigas intuições na teologia prática sobre a necessidade de formas alternativas de conhecimento teológico e de trabalho adicional na disciplina.

Palavras-chave: Teologia Prática. Definições da disciplina. Desdobramentos atuais.

¹ O artigo foi recebido em 27 de setembro de 2016 e aprovado em 10 de outubro de 2016 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

Este artigo é a versão levemente revisada e ampliada da alocação que fiz como presidente da Academia Internacional de Teologia Prática em 25 de julho de 2011. Agradeço aos e às participantes por seus comentários e reações. Ao examinar os cinco mal-entendidos, reúno afirmações que desenvolvi mais detalhadamente em outras publicações tendo em vista a argumentação mais ampla deste artigo a respeito da disciplina da teologia prática em seu conjunto. As notas de rodapé dão os créditos a esses trabalhos anteriores, e continuo sendo grata, em particular, à colaboração acadêmica que ainda enriquece minha própria reflexão com Dorothy Bass, Kathleen Cahalan, Craig Dykstra, James Nieman e Chris Scharen.

² Professora de Religião, Psicologia e Cultura na Faculdade de Divindades e Departamento de Graduação em Religião da Universidade de Vanderbilt (Nashville/TN, EUA). Sua pesquisa em religião, psicologia e cultura, teologia pastoral e prática e estudos em mulheres e infância focam na busca por compreender a pessoa e a teologia vivida em meio às dificuldades diárias, tais como doença, morte, trabalho e criar crianças. Ela ministra cursos sobre a teoria da personalidade, autopsicologia, mulheres e religião, famílias e crianças, espiritualidade e cuidado pastoral, teologia pastoral e prática e métodos em teologia e ciência. Contato: bonnie.miller-mclemore@vanderbilt.edu

Abstract: Borrowing a format used by the sociologist Bent Flyvbjerg in an essay on case studies, this article examines five common misunderstandings in the history and development of the research in practical theology: (1) practical theology is a marginalized discipline with a serious identity crisis; (2) the problem with practical theology and theological education is the clerical paradigm; (3) practical theology and pastoral theology are interchangeable terms; (4) it is impossible to define practical theology or, inversely, it can be defined in a simple way (e.g., study of the relationship between beliefs and practices); and (5) practical theology is, in great part, if not entirely, descriptive, empirical, interpretative and it is not normative, theological and, in some cases (I would dare say) Christian. I describe each misunderstanding, offer corrections and conclude that three decades of progress in the area and complementary offshoots in other areas of academia reaffirm ancient intuitions in practical theology about the need for alternative forms of theological knowledge and additional work in the discipline.

Keywords: Practical Theology. Definitions of the discipline. Current developments.

Introdução

Início com gratidão. Experimentei, na presidência da Academia Internacional de teologia prática (IAPT, na sigla em inglês), uma alegria que eu não tinha esperado. Realmente senti que membros e o grupo como um todo haviam investido confiança e autoridade em mim no sentido de cuidar dos assuntos da IAPT. Talvez tenha sido o ano sabático, talvez o fato de completar 55 anos, talvez a edição de dois livros na área, tudo isso me colocou em uma posição de inesperado apreço pela Academia e por nosso trabalho compartilhado – *inesperado* porque normalmente se evitaria estragar um ano sabático com assuntos administrativos. Em vez disso, a responsabilidade enriqueceu minha vida, e sou grata pela oportunidade de servir.

O ano passado me marcou pela morte de Don Browning e o aniversário da Academia. Ele morreu no início de junho, quando começava meu ano sabático, pouco antes de eu falar na Sociedade Norte-Americana de Teologia Pastoral, e lembrei sua morte quando vi meu ano sabático chegar ao fim, ao organizar minhas reflexões para essa plenária e antever nossa primeira conferência sem ele. Estou entre as muitas pessoas que permanecem em dívida com ele, e paro agora para lembrar-me dele com gratidão.

A perspectiva de uma alocação como presidente era como um farol à minha frente. O que posso lhes dizer que vá promover nossa compreensão da disciplina? Entre os muitos pensamentos que tive, essa plenária representa o que prevaleceu, um pouco do tipo “o que vi a caminho da conferência da IAPT”. Lembra o livro do famoso autor de livros infantis Dr. Seuss, *And To Think I Saw it on Mulberry Street* [E pensar que vi isso na Mulberry Street] – uma história a respeito de todas as coisas fantásticas que uma criança vê no seu caminho para casa, coisas que acabam reduzidas, sob o olhar de um adulto, a “um simples cavalo e uma carroça”. O livro de Seuss foi rejeitado 27 vezes (!) antes que um editor assumisse o risco de aceitá-lo; os leitores pensavam que ele carecesse de moral e mensagem. Atualmente ele se tornou célebre por oferecer “uma interpretação magistral da mente de uma criança”, como observa nosso colega Herbert Anderson, “criando o tipo de histórias com que as crianças mui-

tas vezes se divertem e fortalecem sua própria autoestima”. Tomara que este ensaio faça somente um pouco do mesmo: divertir-nos e construir nossa autoestima com uma mescla do que Anderson descreve como “o charme despropositado e a sabedoria sensata” de Seuss.³

Tomando emprestado um formato usado pelo sociólogo Bent Flyvbjerg em um artigo sobre estudos de caso, quero examinar cinco mal-entendidos comuns na história e desenvolvimento da pesquisa em teologia prática que me preocuparam nos últimos anos: (1) a teologia prática é uma disciplina marginalizada com uma identidade confusa; (2) o problema com a teologia prática e a educação teológica é o paradigma clerical; (3) teologia prática e teologia pastoral são termos intercambiáveis; (4) a teologia prática é impossível de ser definida ou, inversamente, pode ser definida de maneira simples (p. ex., o estudo da relação entre crenças e práticas); e (5) a teologia prática é, em grande parte, se não totalmente, descritiva, interpretativa, empírica, e não é normativa, teológica e, em alguns casos (eu ousaria dizer), cristã. Descrevo cada mal-entendido e ofereço corretivos, mas meu objetivo geral, a despeito de minhas críticas e correções em cada área, é ressaltar que a teologia prática como disciplina fez um progresso significativo e continua tendo contribuições a dar para a academia e a vida religiosa de modo mais geral. Três décadas de progresso na área, junto com desdobramentos complementares em outras áreas acadêmicas, reafirmam intuições antigas na teologia prática sobre a necessidade de formas alternativas de conhecimento teológico e de trabalho adicional na disciplina. É claro que sugerir que a teologia prática alcançou a condição de disciplina não significa dizer que os pesquisadores e as pesquisadoras não tenham trabalho a fazer. De fato, cada mal-entendido expõe âmbitos distintos onde a pesquisa adicional é necessária e, em alguns casos, urgente, especialmente se quisermos que outros pesquisadores e outras pesquisadoras prestem atenção.

O apreço crescente pela complexidade da prática

Em uma conferência de teologia prática realizada no início deste ano, um palestrante começou sua apresentação comentando, como fazem muitos e muitas de nós, o estado lamentável da teologia prática. Ele citou Browning, que descreve a teologia prática como sendo historicamente a “mais assediada e menosprezada das disciplinas teológicas”⁴. Há pesquisadores que não hesitam em rotular e reificar a teologia prática como uma “disciplina minoritária marginalizada” – essas são palavras de Stephen Pattison neste caso.⁵ Somos inclusive tentados ou tentadas a transformar essa queixa em uma virtude, nossa “vocação e destino”, como o faz um colega da poimênica. Em um levantamento recente, Robert Dykstra celebra desafiadoramente a “identidade

³ ANDERSON, Herbert. Sense and Nonsense in the Wisdom of Dr. Seuss. *New Theology Review*, ago. 2001. p. 39.

⁴ BROWNING, Don S. *Fundamental Practical Theology: Descriptive and Strategic Proposals*. Minneapolis: Fortress, 1991. p. 3.

⁵ PATTISON, Stephen. *The Challenge of Practical Theology: Selected Essays*. London: Jessica Kingsley, 2007. p. 283.

frágil, às vezes fragmentada, em situação marginal” da poimênica, “fora da corrente principal, longe do caminho mais usado, esquecida na companhia dos pisoteados”, e assim por diante. Essa “insegurança essencial” resulta da natureza da matéria – o estudo das pessoas humanas e do divino, ambos essencialmente insondáveis, inefáveis e misteriosos. Portanto, como podemos acumular conhecimento? Em vez disso, insiste ele, nossa identidade se encontra em “*não* comumente saber quem nós somos, em *não* sempre saber o que estamos fazendo”⁶. Isso é verdade ou adequado?

Meus próprios escritos iniciais estão repletos de tais caracterizações, embora eu não vá tão longe como Dykstra em idealizar isso. Um artigo da década de 1990 inicia seu levantamento e redefinição da disciplina descrevendo nossa “persistente crise de identidade”⁷. Identifico a proliferação de designações de função nos Estados Unidos como um exemplo de nossa confusão (teologia prática, teologia pastoral, psicologia pastoral, religião e personalidade etc.). A disciplina está presa entre a modernidade e a pós-modernidade, surgindo a partir das ciências como uma disciplina quintessencialmente moderna exatamente quando pressupostos científicos modernos sobre a verdade e a objetividade universais passaram a ficar sob suspeição. À medida que a teologia em geral se esforça para reter um lugar na universidade (pelo menos, nos Estados Unidos), nossa posição também é tanto mais precária. Se você quiser escrever um texto abrangente na área, concluo eu, você deva começar por aí.

Não penso mais que esse seja o caso. Há certa verdade na descrição que vale a pena compreender. Mas um exame mais detalhado da realidade subjacente à queixa sugere que nossa marginalização reflete uma crise mais grave na compreensão acadêmica da prática que ultrapassa nosso âmbito. Ou seja, o problema não é somente nosso. Simplesmente assumimos sua causa, e – o que é mais importante para meu argumento – o tempo provou tratar-se de um empreendimento que vale a pena.

O livro *Preface to Pastoral Theology* (1958), de Seward Hiltner, oferece um belo exemplo tanto da queixa quanto de seus méritos. O livro está crivado de frustrações com a desconsideração pela prática na academia, e muitas delas se perdem em uma leitura rápida por estarem encobertas nas notas de rodapé. Ele reconhece três áreas com uma orientação operacional – teologia pastoral, teologia educacional e evangelística e teologia eclesial – mas recusa a criação de um termo mais amplo como *teologia prática* que as abranja. Por quê? Porque teme que agrupar as teologias operacionais sob o termo teologia prática vá simplesmente criar um gueto ainda maior para o estudo da prática ministerial e cristã. Suas mal-humoradas notas de rodapé ilustram sua irritação com o profundo “viés antiprático” existente na academia. Ele lamenta repetidamente a concepção aviltante dos estudos práticos como “filhos teológicos bastardos”, como um bebê “envolto em fraldas” e não um irmão genuíno. Muito antes da análise do poder se tornar a língua franca intelectual de hoje, ele se preocupa

⁶ DYKSTRA, Robert C. *Images of Pastoral Care: Classic Readings*. St. Louis: Chalice, 2005. p. 2, 3, 4, e 6, grifo no texto.

⁷ MILLER-McLEMORE, Bonnie J. The Subject and Practice of Pastoral Theology as a Practical Theological Discipline. In: ACKERMANN, Denise; BONS-STORM, Riet (eds.). *Liberating Faith Practices: Feminist Practical Theology in Context*. Leuven, Netherlands: Peeters, 1998. p. 179.

que a teologia pastoral vá ser “a vítima de uma heteronomia intelectual ou teológica”, sendo considerada “meramente prática sem a capacidade de dar contribuições genuinamente teológicas”⁸.

Em suma, Hiltner não deseja a criação de uma “disciplina de ‘teologia prática’” como uma “perspectiva mestra sobre atos e operações”⁹ que solape sua contribuição mais fundamental: que o “estudo apropriado da prática ilumine a compreensão teológica em si”¹⁰. Aqui reside o que Hiltner acredita ser sua lealdade para com Friedrich Schleiermacher, que ele identifica como “aquele escritor pré-moderno” que “prenunciou essa tese”¹¹.

Isso apenas faz com que minha ilustração recue mais um passo: Schleiermacher enfrentou os mesmos vieses no século XVIII. Seu esforço no sentido de conquistar espaço para o estudo da teologia como conhecimento orientado para a prática foi recebido de modo ambíguo em um sistema acadêmico vinculado a compreensões cada vez mais estreitas da verdade. Ele próprio via a passagem do filosófico para o histórico e para o prático como a “ordem mais natural”, uma ordem que representa “uma espécie de hierarquia antiga”, como observa o pesquisador contemporâneo John Burkhart. A descrição dessa hierarquia clássica por parte do próprio Burkhart está enlaçada com conotações de classe e poder: ele compara a prioridade do teórico sobre o aplicado com a “ordem hierárquica da universidade moderna, onde os matemáticos menosprezam os físicos, que menosprezam os engenheiros, que menosprezam os empreiteiros e zeladores”¹². A compreensão de Schleiermacher a respeito do valor da prática era, naturalmente, mais nuançada do que isso. Porém, em última análise, ele não podia controlar a cultura acadêmica. No contexto atual em que sua compreensão foi levada até suas últimas consequências, a “confluência entre teoria e prática é uma rua de mão única”, “a ação realmente não influencia o pensamento”, e os pesquisadores teológicos prevalecem sobre os pastores e leigos como os elementos inferiores do conhecimento teológico.¹³

Portanto é prudente conhecer a política a partir da qual nossa disciplina surgiu. Inicialmente, pelo menos, a teologia prática se estabeleceu em um ambiente hostil. Mas não é mais necessário começar aqui ou deplorar nosso *status*. Os tempos mudaram, e as pessoas que se dedicam à teologia prática contribuíram para isso. Um novo apreço pela prática religiosa, desempenho, estudos de casos, o conhecimento no particular, a cultura material etc. ocorreu em toda a academia. Esse é um momento definidor para a disciplina.

⁸ HILTNER, Seward. *Preface to Pastoral Theology*. Nashville: Abingdon, 1958. p. 221, nota 16; 217-219, notas 11 e 14.

⁹ HILTNER, 1958, p. 24. Em outra passagem, ele resiste a seu uso em referência a uma “teoria de todas as funções e operações do pastor e da igreja” ou a uma ligação entre todos os outros campos e o ministério (p. 20, 23).

¹⁰ HILTNER, 1958, p. 47.

¹¹ HILTNER, 1958, p. 225, nota 23.

¹² BURKHART, John. Schleiermacher’s Vision for Theology. In: BROWNING, Don S. (ed.). *Practical Theology: The Emerging Field in Theology, Church, and World*. San Francisco: Harper & Row, 1993. p. 43.

¹³ BURKHART, 1993, p. 53.

Exemplos existem em abundância. Essa plenária depende em sua estrutura e conteúdo de um ensaio escrito pelo inovador sociólogo dinamarquês Bent Flyvbjerg, “Five Misunderstandings about Case-Study Research” [Cinco mal-entendidos sobre a pesquisa de estudos de casos]. No início de sua carreira, quando se propôs a fazer um estudo de caso aprofundado da política urbana, seus professores e colegas o desencorajaram dizendo que ele não poderia generalizar a partir de um único caso, que esse estudo é meramente subjetivo – essencialmente, que o estudo do particular tem importância mínima no universo da ciência. Seu ensaio é uma refutação passo a passo desses juízos. Embora possa parecer que Flyvbjerg simplesmente está retomando um velho debate entre os métodos qualitativo e quantitativo, penso que ele aborda um problema epistemológico mais profundo. Ele contesta o viés antiprático que prevaleceu na academia do Ocidente, frustrando Hiltner e Schleiermacher, entre outros.

Dois aspectos do argumento de Flyvbjerg têm relevância aqui: primeiro, sua contestação do mal-entendido de que “o conhecimento geral, teórico (independente do contexto) é mais valioso do que o conhecimento prático (dependente do contexto)” e, segundo, seus comentários sobre os limites da generalização.¹⁴ Para contestar o primeiro, ele recorre a estudos fenomenológicos sobre como as pessoas aprendem.¹⁵ Para passar de principiante baseado em regras a especialista virtuoso são necessárias mais do que teorias gerais e as fórmulas reduzidas que as resumem. É preciso ter experiência com casos. Em suas palavras:

Se as pessoas fossem formadas exclusivamente em conhecimento e regras independentes do contexto, isto é, o tipo de conhecimento que forma a base de manuais e computadores, elas permaneceriam no nível de principiante no processo de aprendizagem. Esta é a limitação da racionalidade analítica: ela é inadequada para os melhores resultados no exercício de uma profissão, como estudante, pesquisador ou profissional¹⁶.

Ele não está dizendo que não há espaço para teorias. O conhecimento baseado em regras é importante para principiantes, ele nos ajuda a programar computadores, mas não representa o “objetivo supremo da aprendizagem”. O conhecimento especializado depende do contexto. Ele requer uma destreza de pensamento que se vale da íntima familiaridade com “vários milhares de casos concretos”¹⁷.

Em segundo lugar, Flyvbjerg questiona o valor da generalização em si. Isso é afirmado sucintamente em sua correção a um segundo mal-entendido de que não se pode generalizar com base em um único caso. Depois de mostrar que casos únicos efetivamente serviram muito bem como base para a generalização (p. ex., Galileu,

¹⁴ FLYVBJERG, Bent. Five Misunderstandings about Case-Study Research. *Qualitative Inquiry*, v. 12, n. 2, abr. 2006. p. 221.

¹⁵ Esse é um argumento que ele desenvolve mais plenamente em *Making Social Science Matter: Why Social Inquiry Fails and How it can Succeed Again* (Cambridge, JK: Cambridge University Press, 2001) e que se vale de DREYFUS, Hubert; DREYFUS, Stuart (com T. Athanasiou). *Mind over Machine: The Power of Human Intuition and Expertise in the Era of the Computer* (New York: Free Press, 1986).

¹⁶ FLYVBJERG, 2006, p. 222.

¹⁷ FLYVBJERG, 2006, p. 222, 223.

Freud), ele faz a seguinte precisão: “*Mas a generalização formal é superestimada como fonte do desenvolvimento científico*”¹⁸. Às vezes, os “fenômenos mais interessantes” se “encontram no mais ínfimo e mais concreto dos detalhes”. O estudo de caso aprofundado e a narrativa (sem comentário teórico) são frequentemente “mais úteis” do que “achados” factuais ou as generalizações de alto nível da teoria¹⁹.

Sabemos disso coloquialmente quando dizemos que “uma imagem vale mais que mil palavras”. Quando faço palestras e escrevo, as pessoas consistentemente lembram minhas histórias pessoais mais do que os aspectos teóricos. Quando o tenista profissional Tim Gallwey ensina tênis, ele sabe que “imagens são melhores do que palavras, mostrar é melhor do que dizer, instruções em demasia são piores do que nenhuma instrução”²⁰. Flyvbjerg conclui seu artigo lembrando os leitores e as leitoras de uma percepção de Thomas Kuhn, que em minha leitura é bastante condenatória da teologia formal que se desenvolveu nos dois últimos séculos e apoia a direção pela qual a teologia prática enveredou: “Uma disciplina sem um grande número de estudos de caso minuciosamente executados é uma disciplina sem produção sistemática de exemplos, e [...] uma disciplina sem exemplos é uma disciplina ineficaz”²¹.

É claro que as pesquisadoras e os pesquisadores criam teorias. Somos formados para fazer isso. Mas “algo essencial pode ser perdido neste resumo”, sustenta Flyvbjerg, o que é uma percepção moldada pelo sociólogo Pierre Bourdieu.²² Em *Outline of a Theory of Practice* [Esboço de uma teoria da prática], Bourdieu questiona o pressuposto classificatório da antropologia estrutural de que é possível mapear regras para o comportamento humano. O esforço para teorizar a prática – “como se deve fazê-lo caso se queira estudá-la cientificamente” – sujeita a prática, que ocorre no espaço e no tempo, “a nada menos do que a uma mudança no *status* ontológico tanto mais séria em suas consequências teóricas porque tem toda a probabilidade de ficar despercebida”²³. Teorias são modelos ou mapas. Mas com mapas se corre o risco de confundir o “modelo da realidade” (p. ex., doutrinas teológicas) com a “realidade do modelo” (p. ex., a concretude mais rica e plena da vida cristã).

A ideia de que a generalização teórica tem valor limitado não é nova para Bourdieu ou Flyvbjerg. Ela remonta a Aristóteles, como Paul Ricoeur, Stephen Toulmin e outras pessoas nos lembram em seu trabalho sobre a razão prática. Aristóteles advertiu que, na “ordem dos assuntos humanos”, não podemos “alcançar o mesmo grau de precisão [...] como no caso das ciências matemáticas, por exemplo”. Ricoeur afirma na sequência que “poucas ideias hoje são tão salutares e libertadoras como a ideia de que há uma razão prática, mas não uma ciência da prática”²⁴. Isso contesta

¹⁸ FLYVBJERG, 2006, p. 228, grifo no texto.

¹⁹ FLYVBJERG, 2006, p. 237, 238.

²⁰ GALLWEY, Timothy. *The Inner Game of Golf*. New York: Random House, 1998. p. 6-7.

²¹ FLYVBJERG, 2006, p. 242.

²² FLYVBJERG, 2006, p. 240.

²³ BOURDIEU, Pierre. *Outline of a Theory of Practice*. Trad. Richard Nice. Cambridge: Cambridge Press, 1972. p. 120.

²⁴ RICOEUR, Paul. *From Text to Action: Essays in Hermeneutics, II*. Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 1991. p. 199. Outra explicação que também localiza a diferença como uma diferença entre

os pressupostos kantianos ocidentais de que se pode compreender a razão prática à parte do desejo e do contexto empírico e de que “a ordem prática é suscetível de um sistema de conhecimento, de um tipo de cientificidade, comparável ao conhecimento e à ciência que se requerem na ordem teórica”. Na realidade, a razão prática pertence à zona “*intermediária*” entre “a ciência das coisas imutáveis e necessárias e a opinião arbitrária”²⁵. Sua lógica é “difusa”, nas palavras de Bourdieu, de uma forma inteiramente válida.²⁶

Tudo isso quer dizer o seguinte: uma gama de literatura em toda a academia apoia a intuição do início da década de 1980 na teologia prática sobre a necessidade de uma compreensão mais nuançada da prática. Logo depois de Browning descrever, em 1991, a disciplina como assediada e menosprezada, ele diz que “o clima epistemológico” está mudando, e muita coisa aconteceu desde então. Nossa história sobre onde nos encontramos duas décadas mais tarde necessita mudar de acordo com isso. O primeiro dos cinco mal-entendidos sobre a teologia prática – de que a disciplina é marginal e está em crise – pode, pois, ser corrigido da seguinte maneira: *Compreender o conhecimento à medida que surge na prática tornou-se central para a educação contemporânea. Os esforços de longa data da teologia prática no sentido de desenvolver métodos de estudar a teologia na prática e ensinar para a transformação contribuem para essa discussão e fortalecem a posição da teologia prática.*

Convivendo com o legado do paradigma acadêmico

Quando se conta a história da educação teológica e do estudo da teologia, é difícil não mencionar o tratado de Edward Farley, *Theologia*, publicado durante o renascimento na teologia prática ocorrido na década de 1980. Desde sua publicação, sua influência é ubíqua em obras de teologia prática que procuram situar-se contextualmente antes de se dedicar a seu tema primordial.²⁷ Inclusive historiadores, como Raddy Maddox, baseiam-se na descrição de Farley a respeito do paradigma clerical quando descrevem desdobramentos modernos, perpetuando com isso um segundo mal-entendido ou simplificação excessiva – que o problema com a educação teológica e a teologia prática é o cativo do paradigma clerical.

O paradigma clerical é um diagnóstico precário para tudo que aflige a educação teológica.²⁸ Mas ele é usado a toda hora porque capta muito claramente um problema que havia com concepções anteriores da teologia prática. Conceber a educação

Aristóteles e Platão é TOULMIN, Stephen. The Recovery of Practical Philosophy. *American Scholar*, v. 57, p. 33-52, 1988.

²⁵ RICOEUR, 1991, p. 199, 205, grifo no texto.

²⁶ BOURDIEU, 1972, p. 163.

²⁷ Seus termos e explicações são tão amplamente usados que são “considerados evidentes por si mesmos” (WHEELER, Barbara G. Introduction. In: WHEELER, Barbara G.; FARLEY, Edward [eds.]. *Shifting Boundaries: Contextual Approaches to the Structure of Theological Education*. Louisville: Westminster John Knox, 1991. p. 9).

²⁸ Exploro esse assunto com mais detalhes em The ‘Clerical Paradigm’: A Fallacy of Misplaced Concreteness? *International Journal of Practical Theology*, v. 11, n. 2, p. 19-38, 2007.

teológica como uma formação preocupada tão somente com sugestões e dicas técnicas no ministério presta um desserviço à complexidade do ministério, da fé e da teologia prática. Mas a ironia do emprego útil e incontestado dessa ferramenta heurística é que ela tende a culpar a vítima – o clero e sua necessidade muito real de saber praticar o ministério. Em uma nota de rodapé reveladora, Farley faz uma importante precisão que passa despercebida. Ele diz que, ao questionar o paradigma clerical, “deseja evitar a impressão de que esse seja um questionamento da validade da própria educação do clero ou da validade da educação para atividades e aptidões específicas”²⁹. Mas é exatamente assim que o termo tem sido interpretado. Seu uso excessivo nos levou a subestimar todas as coisas *clericales* ou *práticas* como se fossem inferiores a todas as coisas *acadêmicas*, a despeito das melhores intenções de todas as pessoas.

Necessitamos de maneiras novas de contar nossa história que não menosprezem nossos próprios interesses. A correção requer duas medidas. Primeiro, necessitamos de diagnósticos novos. O paradigma clerical tornou-se uma análise monocausal que nos levou a ignorar outros diagnósticos. Um diagnóstico novo sugere que a educação teológica se concentrou em grande parte na inteligência cognitiva para seu detrimento, o que chamo de *paradigma acadêmico* ou *cativeiro cognitivo da teologia*. Em outras palavras, o problema não é apenas a “clericalização”, mas uma “academização” igualmente problemática da teologia. Assim como Farley sustenta que “no paradigma clerical, a teologia [...] é algo somente para o clero”, também seria igualmente válido dizer que no *paradigma acadêmico* a teologia se tornou algo apenas para a academia.

O filósofo Charles Taylor descreve esse problema como a “servidão do intelectualismo”. O anseio por “fórmulas atemporais e não espaciais” em imitação das ciências ainda permeia as ciências sociais apesar dos esforços de figuras importantes do século XX, como Heidegger, Merleau-Ponty e Wittgenstein. Em um ensaio maravilhoso intitulado “Seguir uma regra”, Taylor mostra os limites de uma epistemologia ocidental que supõe que se conheça mediante abstração dos corpos, distância de relações sociais e a criação de representações cerebrais internas da realidade externa. Seguindo Wittgenstein, Taylor examina o que está implicado em “seguir uma regra”, como, p. ex., orientações dadas a um forasteiro sobre como chegar à cidade. Ele conclui com Wittgenstein que um excesso de conhecimento para além do que pode ser articulado, representado e teorizado guia a compreensão humana. Wittgenstein “ênfatiza a natureza não articulada – em alguns pontos inclusive não articulável” – do conhecimento que molda a prática.³⁰

Isso sugere uma segunda correção do mal-entendido de que a educação teológica errou ao se concentrar em aptidões. Precisamos continuar a tentar compreender o tipo de conhecimento de que necessitam pessoas leigas e ministros ou ministras para executar ou praticar o discipulado e o ministério. A inteligência mental é importante, mas não é suficiente. As representações que fazemos do mundo – fórmulas, regras

²⁹ FARLEY, Edward. *Theologia: The Fragmentation and Unity of Theological Education*. Philadelphia: Fortress Press. p. 98, nota 37.

³⁰ TAYLOR, Charles. *Philosophical Arguments*. Cambridge: Harvard University Press, 1995. p. 167.

etc. – são o que Taylor descreve como “*somente ilhas no oceano* de nossa apreensão prática não formulada do mundo”. Seguir uma regra requer “juízos difíceis e muito bem afinados”, aquilo que Aristóteles chama de *phronesis*³¹.

Essa ideia não é nova para as pessoas que se dedicam à teologia prática. Durante as últimas três décadas, pessoas como Bernard Lee e Thomas Groome recorreram à tipologia aristotélica da *theoria* (conhecimento contemplativo da verdade), *phronesis* (conhecimento de como viver bem) e *techne* (conhecimento de como fazer coisas) para reivindicar a viabilidade da *phronesis*. Especialmente Groome contesta a hierarquia clássica da *episteme* sobre as outras formas e defende uma inter-relação holística entre as três.³² Contudo, ele e outras pessoas estavam mais preocupados com a *techne* – o triunfo da racionalidade técnica – do que com a *theoria* ou a *episteme*. Eles raramente discutiram os limites da *episteme*. Tampouco consideraram o valor da *techne* e as inextricáveis interconexões entre ela e a *phronesis*. Por fim, prestaram pouca atenção à maneira como o corpo e o mundo social moldam a *phronesis*.

Tachar irrefletidamente a aprendizagem de um ofício de “*mero know-how*”, como se fosse fácil dominar esse *know-how*, ignora seu papel na busca maior pela sabedoria ministerial. Músicos famosos não param de fazer escalas. Aprender a tocar um instrumento requer uma dialética muito bem afinada entre exercício diário e talento artístico. Portanto a *techne* tem um espaço. Além disso, a *phronesis* requer corporificação e comunidade. Somente conseguimos compreender esse conhecimento, como sugere Bourdieu, ao adquirir um conhecimento maior de como nossos corpos e o ambiente social formam nosso conhecimento – *habitus* em um marco muito mais concreto, fundado, particular, corporificado e relacional do que o uso mais cerebral do termo por parte de Farley e outros. Taylor chega ao ponto de dizer que “a regra existe *somente na prática* que ela anima e *não requer e talvez não tenha qualquer formulação expressa*”, uma sugestão que poderia frustrar seriamente os teólogos e as teólogas que buscam a representação sistemática de regras teológicas.³³

Sendo assim, precisamos parar de insistir que nossa disciplina não *aplica* verdades e determinar o que está implicado na *aplicação*. Repetidamente, Browning parafraseou Richard Bernstein e Hans-Georg Gadamer para sustentar que, na sabedoria prática necessária para o ministério, “*compreensão, interpretação e aplicação* não são distintas, mas intimamente relacionadas”³⁴. Mas então ele e outros prestaram pouca atenção à aplicação, um tema com que pesquisadores e pesquisadoras como Kathleen Cahalan, Robert Mager, Elaine Graham e Chris Scharen retomaram em seu trabalho sobre teorias da mudança, teorias da ação, teorias do desempenho e teorias da aprendizagem. A disciplina está apenas na linha de frente dessa desafiadora questão da aplicação.

³¹ TAYLOR, 1995, p. 170, grifo meu, e p. 177.

³² GROOME, Thomas H. *Sharing Faith: A Comprehensive Approach to Religious Education and Pastoral Ministry*. New York: HarperCollins, 1991. p. 43, 47.

³³ TAYLOR, 1995, p. 178, grifo meu.

³⁴ BROWNING, 1991, p. 39, grifo meu.

Avançamos o suficiente, entretanto, para corrigir a segunda simplificação excessiva – que o problema com a teologia prática e a educação teológica é o paradigma clerical – desta maneira: *o emprego taquigráfico [isto é, por conveniência] do paradigma clerical para captar a situação difícil da teologia prática e da educação teológica contemporâneas ignora o problema igualmente preocupante do intelectualismo que distorce a maneira como o conhecimento religioso é aprendido, transmitido e praticado. O trabalho criativo sobre o conhecimento teológico precisa lidar com a forma como ele é representado no mundo.*

Reconhecendo a distinção entre teologia prática e teologia pastoral

No esquema mais amplo dessa plenária, o terceiro mal-entendido – que a teologia prática e a teologia pastoral são termos intercambiáveis – é secundário e reflete meu contexto norte-americano, mas ele tem implicações para o argumento que apresentei até aqui sobre o valor do estudo da prática e a reforma da teologia em si. Independentemente de as pesquisadoras ou os pesquisadores empregarem teologia *pastoral* ou *prática*, elas ou eles muitas vezes compartilham esse objetivo comum de articular uma teologia dinâmica que enriqueça o estudo de tradições religiosas através da proximidade com a prática. Mas esses termos são comensuráveis só porque a teologia pastoral e a prática compartilham esse objetivo?

Meu desejo de diferenciar entre os dois vai contra a tendência da discussão corrente e inclusive contra minha própria prática.³⁵ A maioria dos autores britânicos, por exemplo, pressupõe que “qualquer nome serve”, com preferência crescente por *teologia prática* na medida em que ela adquiriu reconhecimento como disciplina.³⁶ A tradição católica romana muitas vezes emprega ambos os termos para designar vários aspectos do ministério pastoral e não disciplinas acadêmicas. Em meu próprio trabalho, entremisturei os termos, usando o mesmo trabalho sobre teologia *pastoral* como teologia pública, por exemplo, para um livro sobre poimênica e aconselhamento pastoral e para uma palestra em uma conferência de teologia *prática*, simplesmente intercambiando os termos conforme era necessário para cada contexto.³⁷ As disciplinas efetivamente compartilham pressupostos teóricos e raízes históricas. Embora as pessoas ignorem polidamente a aversão de Hiltner pelo termo teologia *prática* quando o saúdam como fundador, poder-se-ia sustentar que a descrição hiltneriana da *teologia pastoral* não é tão diferente de definições comuns da *teologia prática*. Por que, então, distingui-las?

³⁵ Exploro esse assunto com mais detalhes em: *Also a Pastoral Theologian: In Pursuit of Dynamic Theology (Or: Meditations from a Recalcitrant Heart)*. *Pastoral Psychology*, v. 59, n. 6, p. 813-828, 2010.

³⁶ Por exemplo, cf. PATTISON, Stephen; WOODWARD, James. An Introduction to Pastoral and Practical Theology. In: WOODWARD, James; PATTISON, Stephen (eds). *The Blackwell Reader in Pastoral and Practical Theology*. Malden, Mass.: Blackwell, 1999. p. 3.

³⁷ Pastoral Theology as Public Theology: Revolutions in the ‘Fourth Area’. In: RAMSAY, Nancy (ed.). *Pastoral Care and Counseling: Redefining the Paradigms*. Nashville: Abingdon, 2004. p. 44-64.

Passei a ver sua fusão como problemática apesar de seu interesse compartilhado na experiência vivida. Esses termos não são tão intercambiáveis agora como eram em outros períodos, lugares e tradições. De fato, considero importante acentuar e não negligenciar as diferenças. O emprego desses termos para designar um único empreendimento ofusca uma das contribuições distintivas da teologia prática como aquela disciplina que é a mais preocupada em mediar e integrar o conhecimento dentro da educação teológica e entre seminário, congregação e sociedade. Também perdemos de vista os recursos distintivos da teologia pastoral do século XX desenvolvida nos Estados Unidos em rigorosa conversação com a teoria psicanalítica e psicologia modernas.

Nos Estados Unidos, a teologia pastoral é uma subdisciplina da teologia prática dedicada ao cuidado de pessoas. Situo meu próprio trabalho na teologia pastoral dentro da teologia prática por causa do compromisso desta com interesses curriculares e ministeriais mais amplos. Mas, no fundo, permaneço uma teóloga pastoral, com apreço por seu foco mais estreito na angústia humana e por sua apropriação da psicologia. Ao usar a psicologia, a teologia pastoral buscou uma especificidade de foco em pessoas e sofrimento particulares – a vida visceral e interior dos seres humanos – que muitas vezes está ausente da teologia prática. Em última análise, a teologia prática é insuficiente para o trabalho que quero fazer com indivíduos, desenvolvimento, dinâmica da personalidade, relacionamentos, cuidado e antropologia teológica.

Igualmente problemático é que o emprego intercambiável de teologia *pastoral* e teologia *prática* fomentou uma negligência das percepções de outras subdisciplinas, como a educação religiosa, a homilética e a ciência litúrgica, e deu a uma única área – teologia pastoral – um privilégio injustificado só por causa do nome. Cada subdisciplina teológica prática, não somente a teologia pastoral, tem contribuições singulares para dar à teologia prática.

Por fim, como assinala Cahalan, a teologia pastoral tem uma história especialmente acidentada dentro do catolicismo romano, que não lhe conferiu o *status* de disciplina acadêmica na mesma medida do que aconteceu no protestantismo, apesar das pessoas que defendiam essa medida, como Karl Rahner. Nos Estados Unidos, a Igreja Católica e suas instituições educacionais atualmente carecem da infraestrutura acadêmica para apoiar esse empreendimento disciplinar. Cahalan distingue a teologia *prática* da teologia *pastoral* como o mais viável dos dois termos para a finalidade de fomentar esse desenvolvimento disciplinar.³⁸

Todos esses problemas sugerem que o terceiro mal-entendido possa, então, ser corrigido da seguinte maneira: *A teologia pastoral e a teologia prática designam empreendimentos acadêmicos distintos. Devido aos significados multiestratificados de ambos os termos, necessita-se de um cuidado maior na definição. Enquanto a*

³⁸ CAHALAN, Kathleen A. Beyond Pastoral Theology: Why Catholics Should Embrace Practical Theology. In: GRÄB, W.; CHARBONNIER, L. (eds.). *Secularization Theories, Religious Identity and Practical Theology*. Zürich; Berlin: Lit Verlag. p. 392-397; Pastoral Theology or Practical Theology? Limits and Possibilities. In: SWEENEY, James; SIMMONDS, Gemma; LONSDALE, David (eds.). *Keeping the Faith in Practice: Aspects of Catholic Pastoral Theology*. London: SCM Press, 2010. p. 99-116.

teologia prática é integrativa, preocupada com questões mais amplas do ministério, disciplinado e formação, a teologia pastoral está centrada nas pessoas e no pathos.

Teologia prática como multivalente

Em uma das primeiras antologias da década de 1980, Farley conclui um breve histórico dizendo que “a teologia prática jamais existiu” como disciplina exceto como um “brilho no olho de Schleiermacher” e “não existe atualmente como disciplina”. É somente um “termo genérico” para designar um grupo de subespecialidades que não merece um lugar acadêmico.³⁹ Alguns anos mais tarde, ele inicia outro capítulo debatendo se a teologia prática é “um termo salvável”. “Tão variadas são as abordagens e as definições propostas [...] que nem sequer está claro o que está sob discussão.”⁴⁰ Não mudou muita coisa mais de uma década depois quando Johannes van der Ven inicia um capítulo em um volume internacional sobre teologia prática dizendo que “algumas pessoas sustentam que a teologia prática nem mesmo tem metodologia” e não deveria ter uma metodologia porque ela “não é uma disciplina”, embora ele procure rebater isso.⁴¹ Alguns anos mais tarde, Bernard Lee afirma que a teologia prática não é um “ramo da teologia (p. ex., abrangendo homilética, educação religiosa, poimênica etc.)”, mas antes um tipo de conhecimento ou “uma forma de reflexão teológica”⁴². Em outra passagem, ele diz que ela é “um método – talvez até mesmo um modo de vida” mais do que uma disciplina, e acaba recorrendo ao termo *teologia fronética* para evitar a confusão inteiramente.⁴³ Ainda mais recentemente, Terry Velting evita a definição como causa perdida, pois a teologia prática é “menos algo a ser definido do que uma atividade a ser realizada”⁴⁴. Poder-se-ia ver toda essa cautela em relação à teologia prática como disciplina como uma tendência católica romana, uma vez que todos, exceto Farley, escrevem em contextos católicos. Mas em um verbete de 1991 sobre a teologia pastoral protestante no *Dictionary of Pastoral Care and Counseling* [Dicionário de poimênica e aconselhamento pastoral], Rodney Hunter e Russell

³⁹ FARLEY, Edward. *Theology and Practice Outside the Clerical Paradigm*. In: BROWNING, Don S. (ed.). *Practical Theology: The Emerging Field in Theology, Church, and World*. San Francisco: Harper & Row, 1983. p. 32.

⁴⁰ FARLEY, Edward. *Interpreting Situations: An Inquiry in the Nature of Practical Theology*. In: MIDGE, Lewis S.; POLING, James N. (eds.). *Formation and Reflection: The Promise of Practical Theology*. Philadelphia: Fortress, 1987. p. 1.

⁴¹ VEN, Johannes van der. *The Empirical Approach in Practical Theology*. In: SCHWEITZER, Friedrich; VEN, Johannes van der (eds.). *Practical Theology: International Perspectives*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1999. p. 323.

⁴² LEE, Bernard J. *Politics and Economics in the Preaching of the Church: A New Testament Rendering of Phronesis*. In: COUTURE, Pamela D.; MILLER-McLEMORE, Bonnie J. (eds.). *Poverty, Suffering, and HIV-AIDS: International Practical Theological Perspectives*. Cardiff: Cardiff Academic Press, 2003. p. 171.

⁴³ LEE, Bernard J. *Practical Theology: Its Character and Possible Implications for Higher Education*. *Current Issues in Catholic Higher Education*, v. 14, n. 2, 1994. p. 26; e *Practical Theology as Phronetic: A Working Paper from/for those in Ministry Education*. *APT Occasional Papers*, 1, 1998.

⁴⁴ VELTING, Terry A. *Practical Theology: ‘On Earth as It Is in Heaven’*. Maryknoll: Orbis, 2005. p. 4.

Burck definem a teologia prática como um “termo tipo guarda-chuva” e concluem: “Nunca ficou claro se a teologia prática, neste sentido, é ou poderia tornar-se uma disciplina por direito próprio. Assim, sua relação com a teologia pastoral tem sido ambígua ou inconsequente”⁴⁵.

Reconto essa mini-história da definição não para depreciar qualquer pessoa, mas, antes, para mostrar o caminho percorrido pela disciplina nos anos decorridos desde então. Talvez todos os novos empreendimentos acadêmicos comecem de forma cautelosa. A teologia prática certamente começou assim. Toda a equivocação me deixa ambivalente na hora de indicar essa literatura a estudantes que ainda não têm a capacidade de situá-la. Embora esses pesquisadores acabem por contribuir com o avanço da disciplina, eles acolhem e desvalorizam a teologia prática ao mesmo tempo. Não deveríamos nos surpreender que pesquisadoras e pesquisadores recentes estejam recorrendo agora a uma taquigrafia simplificada para definir a teologia prática como a disciplina interessada na relação entre crenças e práticas.

Considero ambos os extremos problemáticos – ou declarar a teologia prática indefinível como disciplina ou passível de definição com facilidade. Desenvolver uma definição concisa, mas mais abrangente é uma das tarefas mais árduas, porém compensadoras que surgiu para mim como resultado de dois envolvimento em nesses últimos anos. Em 2003-2004, em nome do Departamento de Pós-Graduação em Ciência da Religião na Vanderbilt University, copresidi um projeto subvencionado para o planejamento da criação de um novo programa de doutorado visando preparar estudantes para o ensino em seminários. Houve vezes naquele ano e ao longo dos anos desde que nosso departamento recebeu uma verba para um currículo de doutorado em Teologia e Prática em que cansei de escutar colegas e estudantes recém-admitidos perguntar: “Afinal, o que é teologia prática?”. Essa não é uma questão simples. A teologia prática não é uma categoria de fácil definição.

No entanto, a mera dificuldade da definição não significa que a teologia prática seja um empreendimento inválido ou mal concebido. Ela enfatiza, isso sim, suas complexas e amplas responsabilidades. Acabei articulando uma resposta mais minuciosa, no que fui bastante auxiliada por colegas que se envolveram em uma segunda experiência, uma consulta sobre teologia prática e ministério cristão que teve início em 2003.⁴⁶ Ela reuniu um grupo de aproximadamente 20 pesquisadores e pesquisadoras e ministros e ministras de várias disciplinas e tradições algumas vezes por ano ao longo de vários anos. Nosso trabalho conjunto mudou minha compreensão da teologia prática de duas formas fundamentais. A discussão da pesquisa, dos planos de aulas e dos relatos acerca do ministério de cada um e cada uma reorientou minha concepção do objetivo da teologia prática. O conhecimento disciplinar especializado sempre é

⁴⁵ HUNTER, Rodney J.; BURCK, Russell R. Pastoral theology, Protestant. In: HUNTER, Rodney J. (ed. geral). *Dictionary of Pastoral Care and Counseling*. Nashville: Abingdon, 1990. p. 867.

⁴⁶ Exploro esse assunto com mais detalhes em *Practical Theology*. In: LIPPY, Charles H.; WILLIAMS, Peter W. *Encyclopedia of Religion in America*. Washington, D.C.: Congressional Quarterly Press, 2010. p. 1.739-1.743. Também exponho essa definição e a uso no livro que editei intitulado *The Wiley-Blackwell Companion to Practical Theology*. London: Wiley/Blackwell, 2012.

altamente valorizado. Mas seu objetivo último se encontra além de preocupações disciplinares, na busca de uma fé cristã corporificada. Em segundo lugar e em relação com isso, obtive um quadro mais claro da natureza multivalente da teologia prática. *Teologia prática* é um termo com significados carregados e sobrepostos. Ele aparece em uma ampla variedade de espaços e lugares. Refere-se, no mínimo, a quatro empreendimentos distintos com públicos e objetivos diferentes, dois dos quais se acabou de mencionar: é uma *disciplina* entre pesquisadores e pesquisadoras e uma *atividade de fé* entre pessoas crentes. E tem dois outros empregos comuns: é um *método* para estudar teologia na prática e é uma *área curricular* de subdisciplinas no seminário.

Para reafirmar esses quatro empregos em ordem levemente diferente, passando da corporificação concreta da teologia prática para seu emprego especializado, a teologia prática designa uma *atividade* de pessoas crentes que procuram sustentar uma vida de fé reflexiva no dia a dia, um *método* ou modo de analisar a teologia na prática usado por líderes religiosos e por docentes e estudantes em todo o currículo teológico, uma *área curricular* na educação teológica focada na prática ministerial e subespecialidades, e, por fim, uma *disciplina acadêmica* a que se dedica um subconjunto menor de pesquisadores e pesquisadoras para apoiar e sustentar esses três primeiros empreendimentos. Cada compreensão aponta para diferentes locais no espaço, da *vida diária* à *biblioteca* e do *trabalho de campo* à *sala de aula*, *congregação* e *comunidade*, e, finalmente, ao *grupo profissional de acadêmicos* e ao *contexto global*. As quatro compreensões estão conectadas e são interdependentes, não são mutuamente excluídas e refletem o alcance e a complexidade da teologia prática hoje.

Um benefício dessa quádrupla definição é seu intento descritivo e não prescritivo. Ela descreve os contextos e formas variantes com que as pessoas comumente empregam o termo. Esclarecer os vários empregos ajuda a resolver a confusão quando pessoas usam o mesmo termo com finalidades igualmente válidas, mas diferentes. Ao mesmo tempo, uma compreensão compartilhada da teologia prática como uma maneira geral de fazer teologia preocupada com a corporificação da crença religiosa na vida cotidiana de indivíduos e comunidades unifica todos os quatro empregos.

Como sugere este trabalho abrangente, mas focalizado de definição, a teologia prática ultrapassa em muito os mantras abreviados comumente empregados por pesquisadores e pesquisadoras em tempos recentes para definir a disciplina como o estudo da “relação entre crenças e práticas” ou a “correlação entre a tradição cristã e a experiência contemporânea”. Esses são instantâneos válidos, mas deixam de dizer muita coisa. A teologia prática também redefine o que constitui o conhecimento ou a sabedoria teológica e busca uma teologia para as massas. Explora a dissonância entre crenças professadas e realidades vividas mediante o estudo da prática e cumpre uma “função crítica” ou testagem da veracidade prática das afirmações de outras disciplinas teológicas, como sustenta Rahner⁴⁷. A teologia prática é especialmente boa em “interpretar situações”, nas palavras de Farley, ou como “teologia descritiva” no

⁴⁷ RAHNER, Karl. Practical Theology within the Totality of Theological Disciplines. In: RAHNER, Karl. *Theological Investigations*. Trad. Graham Harrison. New York: Herder and Herder, 1972. v. IX, p. 104.

modelo de Browning, em parte por causa de sua forte afinidade com as ciências sociais e sua cuidadosa atenção ao particular. Ela tem um interesse constante em conceitos que ultrapassam qualquer disciplina, como a *integração* na educação teológica, a *formação* e o *discipulado* em comunidades religiosas, e a *vocação* nas profissões e ao longo de toda uma vida. Insiste que temas essenciais como família, filhos, pobreza e sexualidade não podem ser compreendidos adequadamente mediante uma única disciplina, mas exigem um movimento e uma conversação entre áreas de expertise e conhecimento. A teologia prática tem mantido há muito tempo um desejo e uma intenção de formar teias de conexão entre disciplinas e instituições teológicas em resposta à necessidade ministerial e social, como Richard Osmer demonstra em sua recente obra.⁴⁸

Essa lista de atributos é considerável. Cada quesito representa um empreendimento sério que merece a atenção de uma disciplina acadêmica muito bem afinada. Além disso, as subdisciplinas dentro da teologia prática como área curricular também têm suas próprias contribuições distintivas a dar para a teologia prática e de forma mais geral. Em outras palavras, os pesquisadores e as pesquisadoras têm muito trabalho a fazer em qualquer um desses âmbitos.

Gostaria de ilustrar o tipo de trabalho que se faz necessário argumentando em favor do valor de um único desses muitos atributos – o que Rahner chamou a função crítica da teologia prática ou a testagem da divergência entre crença afirmada e prática – e como essa tarefa em particular poderia ser aperfeiçoada.⁴⁹ Em um ensaio recente, o sociólogo Mark Chaves realiza seu próprio desmascaramento passo a passo, à moda de Flyvbjerg, de uma falácia onipresente entre pesquisadoras e pesquisadores da religião – o que ele chama de “falácia da congruência religiosa”. Quase sempre, os pesquisadores e as pesquisadoras da área de teologia e religião presumem que aquilo que as pessoas dizem crer seja coerente com suas ações. Na realidade, essa congruência é rara. De fato, a incongruência é muito mais comum do que a coerência.

Chaves emprega o termo *congruência religiosa* de três maneiras – a organização sistemática de crenças, a coerência entre crenças e ações e a consistência de crença e ação ao longo dos tempos e situações. Sua afirmação de que “as ideias e práticas religiosas das pessoas são fragmentadas, compartimentalizadas, frouxamente conectadas, não examinadas e dependentes do contexto” não é surpreendente. Que as ideias e a prática não sejam coerentes é uma afirmação incontroversa entre cientistas sociais em geral. O que é surpreendente, o que torna o artigo de Chaves importante, é sua segunda afirmação de que os pesquisadores e as pesquisadoras da religião muitas vezes olham para o outro lado: “Esse conhecimento estabelecido não molda nossa pesquisa e pensamento de forma tão central e profunda como deveria [...] nós muitas vezes interpretamos nossos achados de pesquisa de formas que pressupõem a

⁴⁸ OSMER, Richard R. *Practical Theology: An Introduction*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2008.

⁴⁹ Como sustentei acima, outras pessoas observam o mesmo problema. Taylor descreve o “hiato fronético” entre a fórmula e sua representação” (1995, p. 177) e Bourdieu descreve a divergência entre os “mapas” e o “caminho muito usado” (1972, p. 2, 37-38).

congruência que sabemos não existir geralmente”⁵⁰. Ele mostra quão profundamente opera o desejo de congruência religiosa, por um lado, e quão pouco provável é que qualquer tipo de teologia possa captar a complexidade da prática da fé, por outro lado.

Embora o objetivo último de Chaves seja corrigir essa falácia, suas ilustrações da ubiquidade da incongruência são fascinantes. Um estudo mostra, por exemplo, que “pessoas intrinsecamente religiosas não agem de maneira mais pró-social do que qualquer outra pessoa, mas elas pensam que agem, ou deveriam agir, ou querem agir assim”⁵¹. A confissão e a ação religiosa são altamente situacionais e instrumentais. Assim, atletas profissionais realizam rituais para melhorar o desempenho, mas não deixam de fazer exercícios rigorosos, curandeiros divinos complementam a oração com intervenção médica, os indígenas americanos oram por chuva na estação chuvosa, e assim por diante. “Se quisermos predizer o comportamento de alguém”, sugere outro estudo, “estaremos em situação melhor sabendo onde essa pessoa está do que sabendo quem ela é”, ou, em outras palavras, “a *situação* religiosa é mais importante do que a *disposição* religiosa”⁵².

Isso certamente solapa suposições sobre a virtude, a ética de caráter e o poder formativo de comunidades religiosas. Opõe-se igualmente ao pressuposto de que a religião nos torna melhores. Isso não significa que as comunidades religiosas devam abandonar a recitação de credos ou os esforços de formar pessoas na fé. Simplesmente salienta as complexidades. A congruência requer capacidades sofisticadas para a reflexão cognitiva, controle social coeso e internalização que não são facilmente sustentadas por indivíduos ou comunidades. Reconhecer que vínculos causais entre crença e comportamento são complicados também ameniza a demonização e a idealização do impacto social da religião tanto entre ateus quanto entre fanáticos religiosos. A religião raramente merece ou a culpa completa ou o crédito total. A crença e a ação humanas são mais complicadas do que isso.

Mas a sugestão de Chaves para o pesquisador e a pesquisadora não é acocorar-se e simplesmente estudar práticas, como ele próprio fez inicialmente. Ele mudou de opinião e defende, em vez disso, um meio-termo. Duas sugestões para corrigir a falácia da congruência religiosa se destacam para as pessoas que se dedicam à teologia prática. A primeira simplesmente confirma que estamos indo na direção certa: “Deveríamos nos encaminhar para um modelo mais profundamente situacional da influência religiosa.” Uma segunda ideia é menos patente em nosso trabalho e merece atenção: em vez do avassalador foco nas crenças, poderíamos levar mais a sério outros estados mentais: “Nós também temos percepções, expectativas, sentimentos, desejos, atitudes e intenções, todos em condições de moldar a ação”. De fato, as crenças são os elementos “menos preditivos do comportamento”⁵³.

⁵⁰ CHAVES, Mark. Rain Dances in the Dry Season: Overcoming the Religious Congruence Fallacy. *Journal for Scientific Study of Religion*, v. 49, n. 1, 2010. p. 2.

⁵¹ CHAVES, 2010, p. 5.

⁵² CHAVES, 2010, p. 4, grifo no texto.

⁵³ CHAVES, 2010, p. 11-12.

Podemos voltar agora à questão primordial da definição da teologia prática como uma disciplina e reformular o quarto mal-entendido – que a teologia prática é impossível de ser definida ou, inversamente, que pode ser definida com simplicidade – da seguinte maneira: *A dificuldade em explicar a teologia prática não necessita solapar seu valor. Ela é uma disciplina, mas não é só uma disciplina. Trata-se de um termo multivalente com empregos distintivos e variantes. Diferenciar seus empregos esclarecerá a confusão e promoverá o aprimoramento em áreas específicas.*

Contribuições teológicas construtivas

O último mal-entendido – que a teologia prática é em grande parte, se não totalmente, empírica, descritiva, interpretativa, e não normativa, teológica e, em alguns casos (eu ousaria dizer), cristã – é menos um mal-entendido do que um lapso. Minha resposta é mais um lembrete de algo que compreendemos, mas esquecemos do que uma correção. Quando Hiltner insistiu no “estudo apropriado da prática” na década de 1950, ele disse que ela tinha o potencial de “iluminar a própria compreensão teológica”⁵⁴. Nós simplesmente temos de cumprir essa promessa.

Outras pessoas também têm incentivado a teologia prática a reivindicar sua contribuição teológica construtiva de forma mais ousada, mesmo que a visão “potente e exótica” que surge da “perspectiva de dentro” da fé cristã ameace nos fazer voltar a uma posição marginal, nas palavras de Pattison.⁵⁵ Pattison e outras pessoas, como Kathryn Tanner e Rowan Williams, reconhecem que, para a teologia ter um lugar intelectual, as universidades em geral têm de se reconstituir como instituições investidas no serviço à sociedade. Se as universidades vissem o conhecimento como essencial para a mudança social prática e não meramente como um fim em si mesmo, se procurassem ir além do “estrito funcionalismo e economismo que tantas vezes predominam”, então a inclusão da teologia cristã “em todos os seus aspectos construtivos” (e outras tradições e perspectivas religiosas confessionais) seria “menos anômala”, como sustenta Tanner, e mais constitutiva da missão acadêmica.⁵⁶

É claro que devemos ter algo interessante a dizer: “A justificativa primordial para a inclusão é a capacidade de produzir um ângulo interessantemente diferente sobre a vida”⁵⁷. É aqui que as pessoas que se dedicam à teologia prática enfrentam um desafio. Ninguém está dizendo que a teologia prática não seja normativa, construtiva ou cristã. Mas será que temos algo *teologicamente* interessante a dizer? Há décadas as pessoas que se dedicam à teologia prática sustentam que a atenção à prática tem algo a oferecer à teologia, mas especificar isso ou mesmo chegar a fazê-lo tem se mostrado

⁵⁴ HILTNER, 1958, p. 47.

⁵⁵ PATTISON, 2007, p. 283.

⁵⁶ WILLIAMS, Rowan. Oxford University Commemoration Day Sermon. *TAO*, v. XLIV, n. 1, 2007, p. 29, 30; TANNER, Kathryn. Theology and Cultural Contest in the University. In: CADY, Linell E.; BROWN, Delwin (eds.). *Religious Studies, Theology, and the University: Conflicting Maps, Changing Terrain*. New York: State University of New York Press, 2002. p. 203, 204.

⁵⁷ TANNER, 2002, p. 206.

difícil. Se a teologia prática tem a ver em parte com a transformação da teologia acadêmica, então ela deve mostrar o que contribuiu para a teologia como *teologia*.

Nosso lapso surge mais no tom, estrutura e natureza de nosso trabalho, socializado e aperfeiçoado em contextos acadêmicos que excluem a convicção normativa e construtiva. O “processo altamente refinado [...] de dissociação e deslocamento” na academia teológica, sustenta Willie Jennings, não é um problema da cisão entre teoria e prática, disciplinas clássicas e práticas, academia e igreja, ou mesmo pensamento abstrato e concreto. Ele observa, em vez disso, uma fundamental “resistência de teólogos e teólogas de pensar *teologicamente* sobre sua identidade”, uma postura que exigiria que nos relacionássemos diferentemente com outras pessoas. A socialização em capacidades para “esclarecer, categorizar, definir, explicar, interpretar” reflete modelos colonialistas de reflexão feita em “altos comandos” das pessoas forçadas a se submeter ao outro conquistador. Essa socialização intelectual evita a “transformação não só de maneiras de pensar, mas de modos de vida” que a “trajetória da vida encarnada do Filho de Deus” provoca.⁵⁸

A pesquisa na teologia prática muitas vezes segue um modelo latente no estudo de caso: adicionamos a teologia no final. A teologia aparece como o passo final na análise de caso. Hesitamos em avançar além da pesquisa objetiva, empírica, apuradora de fatos até a percepção e revelação teológica. Essa hesitação é compreensível. Muitas e muitos de nós sobrevivem em instituições que questionam a fé cristã. Na pesquisa confessional e cristianocêntrica há perigos óbvios de provincianismo, exclusivismo, moralismo etc. que outras pessoas já analisaram extensivamente. Nossa segurança e excelência residem em nosso cuidadoso e detalhado trabalho empírico. O que é menos claro é como nosso trabalho descritivo e interpretativo é teológico desde o início, como aquilo que vemos e descrevemos é moldado por sensibilidades confessionais específicas e pelo contexto religioso. Além disso, a descrição é somente o primeiro passo no círculo hermenêutico que contribuiu para a revitalização da teologia prática. A descrição e a interpretação por si mesmas são insuficientes. O objetivo da teologia prática é compreender e influenciar a sabedoria religiosa nas congregações e na vida pública de modo mais geral. Muitas pessoas diriam que a teologia prática, de fato, não é completa sem a passagem da descrição para a construção e ação normativas.

Às vezes afirmações teológicas estão em conflito com a ciência. A ciência quer saber como a religião e a espiritualidade são úteis (ou não), como contribuem para (ou impedem) o avanço dos indivíduos e da civilização. A confissão religiosa – cristã e outras – relativiza e, em última análise, refuta essa interpretação instrumental (p. ex., a espiritualidade, meditação, frequência à igreja etc. são boas para nossa saúde mental, casamento, convalescença ou outros fins relativos). A maioria das religiões sustenta que a vida não tem a ver somente com seres humanos, felicidade individual e sucesso social; tem a ver com reverência, gratidão, serviço, glorificação de Deus, amor mútuo,

⁵⁸ JENNINGS, Willie James. *The Christian Imagination: Theology and the Origins of Race*. New Haven: Yale University Press, 2010. p. 7, 8, grifo no texto.

vida abundante ou algum outro fim sagrado e transcendente, que é às vezes completamente inarticulável e está além dos limites humanos.

Reformular o último mal-entendido – que a teologia prática é, em grande medida, se não totalmente, descritiva, interpretativa, empírica – parece um pouco como afirmar o óbvio: a teologia prática é, de fato, *teologia*. Contudo, há benefícios de uma correção mais explícita, como a que se segue: *Como teologia, a teologia prática é normativa. Ela faz exigências às pessoas que a praticam para viverem segundo as convicções sagradas e transcendentais que ela professa. Uma clareza maior sobre nossa contribuição teológica e não somente prática é um dos nossos desafios, mas o sucesso nesse âmbito promoverá a disciplina e seu valor para as comunidades religiosas e o bem comum.*

Conclusão

Quando o menino na história de Seuss tem de decidir o que relatar sobre sua caminhada da escola para casa ao longo da Mulberry Street, ele precisa arguir com seu pai, que é um formidável realista:

Mas quando eu conto a ele o que vi
e o que acho ter visto,
ele olha para mim e diz com severidade:
“Tua visão é entusiástica demais.
Para de contar essas histórias bizarras.
Para de transformar lambaris em baleias”.

Às vezes, a ciência e a teologia acadêmica funcionam um pouco como esse pai, impossibilitado de ver a vida plenamente. A hegemonia da ciência em seu sentido mais estreito, a valorização da *episteme* sobre a *phronesis*, e a concepção da teologia como *theoria* ou *scientia* não podem ser transformadas de uma hora para outra. Hiltner pode ser criticado, como diz Hunter, por não ter chegado ao ponto de clarificar a “relevância epistemológica plena” de suas afirmações sobre o conhecimento prático ou de explicar como a experiência proporciona conhecimento. Mas ele, pelo menos, colocou o fundamento sobre o qual outras pessoas edificaram.⁵⁹ No último quarto de século, a teologia prática rompeu o espaço ocupado pela teologia acadêmica, tornando-se uma espécie de espinho na carne da teologia abstraída da vida. Como as teologias da libertação que tiveram uma influência constante desde a década de 1960, a teologia prática tratou de levar a teologia para as ruas e de usar o que aprendeu de suas saídas para avaliar a adequação de afirmações bíblicas, históricas e doutrinárias.

⁵⁹ HUNTER, Rodney J. A Perspectival View of Pastoral Theology: A Critique of Hiltner’s Theory. *Journal of Pastoral Care*, v. 4, 1985. p. 20.

Esse trabalho alterou os limites convencionais e redefiniu o que é a teologia, como ela é feita e quem a faz.⁶⁰

A reavaliação dos cinco mal-entendidos sobre a teologia prática confirma sua vitalidade, relevância e contribuição como disciplina. Contudo, esse otimismo não deveria ser interpretado equivocadamente como um motivo para descansar sobre nossos lauréis. Preconceitos, ignorância, confusão e mal-entendidos da teologia prática existem em abundância. Internamente à disciplina, a pesquisa negligente e a dificuldade de transmitir claramente os frutos de nossas descobertas para um público intelectual mais amplo permanecem um problema. Cada um dos cinco mal-entendidos sugere áreas que merecem pesquisa e desenvolvimento adicionais. Precisamos produzir o tipo de pesquisa e ensino que torne clara nossa contribuição intelectual ou seremos deixados para trás à medida que pesquisadores e pesquisadoras de outras disciplinas ocupam o terreno e os temas que antes eram nossos.

É claro que restaurar a teologia prática como disciplina não é um fim suficiente em si mesmo. Seu objetivo maior é fomentar compreensões materiais mais ricas da teologia corporificada de modo que as pessoas que praticam o ministério e levam uma vida de fé cristã tenham uma percepção maior de sua vocação teológica e religiosa. A teologia prática sempre foi e continua sendo muito mais do que um empreendimento acadêmico. Ela sempre tratou de devolver a teologia às pessoas. Como disciplina, a teologia prática é realmente secundária ao trabalho e à prática da maioria das pessoas cristãs e das que se dedicam à pesquisa. Mas como uma forma de discipulado fiel e como forma de fazer teologia na vida diária, ela é fundamental para a fé cristã e para todas as áreas do estudo e da prática teológica.

Referências

- ANDERSON, Herbert. Sense and Nonsense in the Wisdom of Dr. Seuss. *New Theology Review*, ago. 2001.
- BOURDIEU, Pierre. *Outline of a Theory of Practice*. Trad. Richard Nice. Cambridge: Cambridge Press, 1972.
- BROWNING, Don S. *Fundamental Practical Theology: Descriptive and Strategic Proposals*. Minneapolis: Fortress, 1991.
- BURKHART, John. Schleiermacher's Vision for Theology. In: BROWNING, Don S. (ed.). *Practical Theology: The Emerging Field in Theology, Church, and World*. San Francisco: Harper & Row, 1993.
- CAHALAN, Kathleen A. Beyond Pastoral Theology: Why Catholics Should Embrace Practical Theology. In: GRÄB, W.; CHARBONNIER, L. (eds.). *Secularization Theories, Religious Identity and Practical Theology*. Zürich; Berlin: Lit Verlag. p. 392-397.
- _____. Pastoral Theology or Practical Theology? Limits and Possibilities. In: SWEENEY, James; SIMMONDS, Gemma; LONSDALE, David (eds.). *Keeping the Faith in Practice: Aspects of Catholic Pastoral Theology*. London: SCM Press, 2010. p. 99-116.

⁶⁰ Cf. MILLER-McLEMORE, Bonnie J. *Christian Theology in Practice: Discovering a Discipline*. Grand Rapids: Eerdmans, 2012.

- CHAVES, Mark. Rain Dances in the Dry Season: Overcoming the Religious Congruence Fallacy. *Journal for Scientific Study of Religion*, v. 49, n. 1, 2010.
- DREYFUS, Hubert; DREYFUS, Stuart (com T. Athanasiou). *Mind over Machine: The Power of Human Intuition and Expertise in the Era of the Computer*. New York: Free Press, 1986.
- DYKSTRA, Robert C. *Images of Pastoral Care: Classic Readings*. St. Louis: Chalice, 2005.
- FARLEY, Edward. Interpreting Situations: An Inquiry in the Nature of Practical Theology. In: MIDGE, Lewis S.; POLING, James N. (eds.). *Formation and Reflection: The Promise of Practical Theology*. Philadelphia: Fortress, 1987.
- FARLEY, Edward. *Theologia: The Fragmentation and Unity of Theological Education*. Philadelphia: Fortress Press.
- _____. Theology and Practice Outside the Clerical Paradigm. In: BROWNING, Don S. (ed.). *Practical Theology: The Emerging Field in Theology, Church, and World*. San Francisco: Harper & Row, 1983.
- FLYVBJERG, Bent. Five Misunderstandings about Case-Study Research. *Qualitative Inquiry*, v. 12, n. 2, abr. 2006.
- _____. *Making Social Science Matter: Why Social Inquiry Fails and How it can Succeed Again*. Cambridge, JK: Cambridge University Press, 2001.
- GALLWEY, Timothy. *The Inner Game of Golf*. New York: Random House, 1998.
- GROOME, Thomas H. *Sharing Faith: A Comprehensive Approach to Religious Education and Pastoral Ministry*. New York: HarperCollins, 1991.
- HILTNER, Seward. *Preface to Pastoral Theology*. Nashville: Abingdon, 1958.
- HUNTER, Rodney J. A Perspectival View of Pastoral Theology: A Critique of Hiltner's Theory. *Journal of Pastoral Care*, v. 4, 1985.
- HUNTER, Rodney J.; BURCK, Russell R. Pastoral theology, Protestant. In: HUNTER, Rodney J. (ed. geral). *Dictionary of Pastoral Care and Counseling*. Nashville: Abingdon, 1990.
- JENNINGS, Willie James. *The Christian Imagination: Theology and the Origins of Race*. New Haven: Yale University Press, 2010.
- LEE, Bernard J. Politics and Economics in the Preaching of the Church: A New Testament Rendering of *Phronesis*. In: COUTURE, Pamela D.; MILLER-McLEMORE, Bonnie J. (eds.). *Poverty, Suffering, and HIV-AIDS: International Practical Theological Perspectives*. Cardiff: Cardiff Academic Press, 2003.
- LEE, Bernard J. Practical Theology as Phronetic: A Working Paper from/for those in Ministry Education. *APT Occasional Papers*, 1, 1998.
- _____. Practical Theology: Its Character and Possible Implications for Higher Education. *Current Issues in Catholic Higher Education*, v. 14, n. 2, 1994.
- MILLER-McLEMORE, Bonnie J. Also a Pastoral Theologian: In Pursuit of Dynamic Theology (Or: Meditations from a Recalcitrant Heart). *Pastoral Psychology*, v. 59, n. 6, p. 813-828, 2010.
- _____. *Christian Theology in Practice: Discovering a Discipline*. Grand Rapids: Eerdmans, 2012.
- _____. Pastoral Theology as Public Theology: Revolutions in the 'Fourth Area'. In: RAMSAY, Nancy (ed.). *Pastoral Care and Counseling: Redefining the Paradigms*. Nashville: Abingdon, 2004. p. 44-64.
- _____. Practical Theology. In: LIPPY, Charles H.; WILLIAMS, Peter W. *Encyclopedia of Religion in America*. Washington, D.C.: Congressional Quarterly Press, 2010. p. 1.739-1.743.
- _____. The 'Clerical Paradigm': A Fallacy of Misplaced Concreteness? *International Journal of Practical Theology*, v. 11, n. 2, p. 19-38, 2007.
- _____. The Subject and Practice of Pastoral Theology as a Practical Theological Discipline. In: ACKERMANN, Denise; BONNS-STORM, Riet (eds.). *Liberating Faith Practices: Feminist Practical Theology in Context*. Leuven, Netherlands: Peeters, 1998.

- MILLER-McLEMORE, Bonnie J. *Wiley-Blackwell Companion to Practical Theology*. London: Wiley; Blackwell, 2012.
- OSMER, Richard R. *Practical Theology: An Introduction*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2008.
- PATTISON, Stephen. *The Challenge of Practical Theology: Selected Essays*. London: Jessica Kingsley, 2007.
- PATTISON, Stephen; WOODWARD, James. An Introduction to Pastoral and Practical Theology. In: WOODWARD, James; PATTISON, Stephen (eds). *The Blackwell Reader in Pastoral and Practical Theology*. Malden, Mass.: Blackwell, 1999.
- RAHNER, Karl. Practical Theology within the Totality of Theological Disciplines. In: RAHNER, Karl. *Theological Investigations*. Trad. Graham Harrison. New York: Herder and Herder, 1972.
- RICOEUR, Paul. *From Text to Action: Essays in Hermeneutics, II*. Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 1991.
- TANNER, Kathryn. Theology and Cultural Contest in the University. In: CADY, Linell E.; BROWN, Delwin (eds.). *Religious Studies, Theology, and the University: Conflicting Maps, Changing Terrain*. New York: State University of New York Press, 2002.
- TAYLOR, Charles. *Philosophical Arguments*. Cambridge: Harvard University Press, 1995.
- TOULMIN, Stephen. The Recovery of Practical Philosophy. *American Scholar*, v. 57, p. 33-52, 1988.
- VELING, Terry A. *Practical Theology: 'On Earth as It Is in Heaven'*. Maryknoll: Orbis, 2005.
- VEN, Johannes van der. The Empirical Approach in Practical Theology. In: SCHWEITZER, Friedrich; VEN, Johannes van der (eds.). *Practical Theology: International Perspectives*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1999.
- WHEELER, Barbara G. Introduction. In: WHEELER, Barbara G.; FARLEY, Edward [eds.]. *Shifting Boundaries: Contextual Approaches to the Structure of Theological Education*. Louisville: Westminster John Knox, 1991.
- WILLIAMS, Rowan. Oxford University Commemoration Day Sermon. *TAO*, v. XLIV, n. 1, 2007.